

SPINOZA
DISCURSO PRONUNCIADO EM HAIA EM 21 DE FEVEREIRO DE 1877, POR
OCASIÃO DO 200º ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE¹

Tradução de *Emanuel Angelo da Rocha Fragoso*
e *Olivia Helena Matos*

Hoje, há duzentos anos, ao meio dia, aproximadamente à hora em que estamos, expirava aos 43 anos, sobre o agradável cais do *Pavilioensgracht*, a alguns passos daqui, um pobre homem cuja vida foi tão profundamente silenciosa que seu último suspiro foi a duras penas ouvido. Ele habitava um quarto separado, na casa de bons e honestos hospedeiros, que, sem compreendê-lo, tinham por ele uma veneração instintiva. Na manhã de seu último dia, ele desceu, segundo seu hábito, e foi estar com eles; era um dia de serviços religiosos; o doce filósofo conversou com essa boa gente acerca do que tinha dito o ministro, aprovando-o vigorosamente e aconselhando-os a conformarem-se. O hospedeiro e a hospedeira (nomeemo-los, Senhores, pois eles têm, por sua honesta sinceridade, o seu lugar neste belo idílio de Haia, contado por Colerus), o marido e a esposa Van der Spyk, retornavam de suas devoções. Quando eles regressaram à casa, seu tranqüilo locatário estava morto. O enterro ocorreu em 25 de fevereiro, análogo ao de um crente em Cristo, na Nova Igreja sobre o *Spui*. Todas as pessoas do bairro lamentaram intensamente o desaparecimento do sábio, que tinha vivido no meio deles como um deles. Seus hospedeiros conservaram sua lembrança como uma religião, e os que se lhes aproximavam, jamais falavam dele sem chamá-lo, conforme o costume, o *bem-aventurado Spinoza*.

Quem pudesse, por essa época, esclarecer a corrente de opinião que se estabelecia nos círculos pretensamente instruídos do farisaísmo de então, veria, por um estranho contraste, este filósofo, tão amado pelos simples e por aqueles que tinham o coração puro, tornar-se o espantalho da estreita ortodoxia que pretendia ter o privilégio da verdade. Um celerado, uma peste, um suporte do inferno, o mais maldoso dos ateístas que jamais existiu, um homem coberto de crimes; eis o que foi, na opinião dos teólogos e dos filósofos bem intencionados, o solitário de *Pavilioensgracht*. Retratos dele foram distribuídos, nos quais o mostravam *portando sobre sua face os sinais da reprovação*. Um grande filósofo, tão ousado quanto ele, mas menos conseqüente e não tão completamente sincero, chamou-o *um miserável*. Mas a justiça teve o seu turno. O espírito humano chegando, por volta do fim do século XVIII, sobretudo na Alemanha, a uma teologia mais esclarecida e a uma filosofia mais ampla, reconhece em Spinoza o precursor de um evangelho novo. Jacobi traz a público a confidência de uma conversação que teve com Lessing. Ele tinha ido ter com Lessing na esperança de que este lhe socorresse contra Spinoza. Qual não é o seu assombro quando ele encontra em Lessing um spinozista confesso! *Ev xai xân*, disse-lhe este último, eis toda a filosofia. Àquele que um século inteiro proclamou ateu, Novalis o encontra *ébrio de Deus*. Seus livros esquecidos, são publicados e avidamente procurados. Schleiermacher, Goethe, Hegel, Schelling proclamam todos, a uma só voz, Spinoza o pai do pensamento moderno. Talvez tenha havido algum exagero neste primeiro impulso de reparação tardia; mas o tempo, que tudo põe em seu lugar, consagrou, no fundo, o juízo de Lessing, e não há mais hoje, um espírito esclarecido que não reconheça em

¹ Publicado originalmente em *Chronicon Spinozanum, Tomus Quintus, Hagæ Comitum*, p. ix-xxviii, MCMXXVII (1927), com o título de *Spinoza - Discours prononcé à la Haye le 21 février 1877, à l'occasion du 200º anniversaire de sa mort*.

Spinoza o homem que teve no seu tempo a mais alta consciência do divino. É com este pensamento, Senhores, que vós quereis que esta tumba modesta e pura tenha seu aniversário. É a afirmação comum de uma fé livre no infinito que reúne, neste dia, neste lugar, testemunho de tanta virtude, o agrupamento mais seletivo que um homem de gênio possa reunir em torno de si, após sua morte. Uma soberana, tão notável pelos dons da inteligência quanto pelos da alma, está presente em espírito, em nosso meio. Um príncipe, justo apreciador de todos os méritos desejou, estando com a sua presença dando brilho a esta solenidade, testemunhar que nenhuma das glórias da Holanda lhe é estranha e que não há pensamento, por mais elevado que seja, que escape ao seu julgamento esclarecido, à sua filosófica admiração.

* * * *

O ilustre Baruch de Spinoza nasceu em Amsterdã no momento em que vossa república alcançava o mais alto grau de sua glória e de sua potência. Ele pertencia a essa grande raça que, pela influência que exerceu e pelos serviços que prestou, ocupa um lugar tão excepcional na história da civilização. Milagre a sua maneira, o desenvolvimento do povo judeu assume lugar imediatamente ao lado deste outro milagre, o desenvolvimento do espírito grego; porque se a Grécia realizou, inicialmente, o ideal da poesia, da ciência, da filosofia, da arte, da vida profana, se ousou me expressar assim, o povo judeu fez a religião do gênero humano. Seus profetas inauguraram no mundo a idéia de justiça, a reivindicação dos direitos do fraco, reivindicação tanto mais amarga que, toda idéia de remunerações futuras sendo-lhes estranha, eles sonhavam sobre esta terra e num futuro próximo a realização desse ideal. Um judeu, Isaías, 750 anos antes de Jesus Cristo, ousa dizer que os sacrifícios têm poucas conseqüências e que uma só coisa importa, a pureza do coração e das mãos. Em seguida, quando os acontecimentos da terra parecem contrariar, de maneira irremediável, essas brilhantes utopias, Israel tem reviravoltas incomparáveis. Transportando para o domínio do idealismo puro esse reino de Deus que a terra não comporta, uma metade dos seus filhos funda o cristianismo; uma outra continua, através das fogueiras da Idade Média, este imperturbável protesto: *Escuta, Israel; Jehovah, teu Deus, é único; santo é o seu nome*. Esta potente tradição de idealismo e de esperança contra toda esperança, esta religião que obtém de seus adeptos os mais heróicos sacrifícios, sem que pertença à sua essência nada prometer de certo para além da vida, foi o meio são e fortalecedor no qual se desenvolveu Spinoza. Sua educação foi, inicialmente, inteiramente hebraica: esta grande literatura de Israel foi sua primeira e, melhor dizendo, sua perpétua mestra, a meditação de toda sua vida.

Como ocorre ordinariamente, a literatura hebraica, assumindo o caráter de um livro sagrado, tornou-se objeto de uma exegese convencional, na qual tratava-se menos de explicar os velhos textos no sentido dos seus autores, do que nela encontrar um alimento para as necessidades morais e religiosas dos tempos. O espírito penetrante do jovem Spinoza viu logo todos os defeitos da exegese da sinagoga; a Bíblia que lhe era professada estava desfigurada por mais de dois mil anos de contra-sensos acumulados. Ele quis ir além. No fundo, ele estava com os verdadeiros pais do judaísmo, e em particular, com o grande Maimônides, que havia encontrado meio de introduzir no judaísmo as mais fortes ousadias da filosofia. Ele entrevia, com uma sagacidade maravilhosa, os grandes resultados da exegese crítica que devia, cento e vinte e cinco anos mais tarde, dar a inteligência verdadeira das mais belas obras do gênio hebreu. Era isto destruir a Bíblia? Será que ela perdeu, essa literatura admirável, de ser na sua fisionomia real, antes de relegada para fora das leis comuns da humanidade? Não, seguramente. As verdades reveladas pela ciência ultrapassam sempre os sonhos que a ciência destrói. O mundo de Laplace leva vantagem, eu imagino, em beleza, sobre o de *Cosmos Indicopleustas*, que representa o universo como um cofre, sobre a cobertura do qual as estrelas

desfilam nas ranhuras, a algumas léguas de nós. A Bíblia, da mesma maneira, é mais bela quando nela se faz ver escalonada, sobre uma tela de mil anos, cada aspiração, cada suspiro, cada prece da mais alta consciência religiosa que jamais houve, do que quando se é obrigado a encontrar nela um livro como jamais existiu, redigido, conservado, interpretado ao contrário de todas as regras ordinárias do espírito humano.

Mas as perseguições da Idade Média tinham produzido no judaísmo o efeito ordinário das perseguições; elas tinham tornado os espíritos limitados e tímidos. Alguns anos antes, em Amsterdã, o desafortunado Uriel da Costa tinha expiado cruelmente as hesitações que o fanatismo considera tão culpáveis quanto o ateísmo confesso. As ousadias do jovem Spinoza foram ainda mais mal recebidas; anatematizaram-no, e ele deveria submeter-se a uma excomunhão que não tinha buscado. Bem velha essa história, Senhores ! As comunhões religiosas, berços benfazejos de tantas seriedades e virtudes, somente admitem que o assunto fique exclusivamente em seu meio; elas têm a pretensão de aprisionar para sempre, a vida que teve entre elas seu início; elas tratam como apostasia a legítima emancipação do espírito que procura voar só. Acredita-se ouvir o ovo acusar de ingratidão o pássaro que lhe escapa; o ovo é necessário até um certo momento, após, ele torna-se um embaraço; é necessário que ele seja quebrado. É realmente uma maravilha que Erasmo de Roterdã tenha se sentido limitado em sua cela, que Lutero não tenha preferido seus votos de monge ao voto santo, se bem que de uma outra maneira, que todo homem contraiu unicamente pelo fato de estar com a verdade ! É no caso de Erasmo ter persistido em sua rotina monástica, ou de Lutero ter continuado a distribuir indulgências, que eles seriam apóstatas. Spinoza foi o maior dos judeus modernos, e o judaísmo o exilou; nada mais simples; assim devia ser; assim será sempre. Os símbolos finitos, prisão do espírito infinito, protestam eternamente contra o esforço do idealismo para ampliá-los. O espírito, por seu turno, luta eternamente para ter mais ar e mais luz. Há cento e sessenta e oito anos, a sinagoga declara corruptor aquele que devia fazer a fortuna sem igual das máximas da sinagoga. E a Igreja cristã, quantas vezes ela não expulsou do seu seio aqueles que deviam mais honra lhe dar ? O dever em tal caso é cumprido, Senhores, quando nós guardamos uma piedosa lembrança da educação recebida na infância. Livre às velhas Igrejas obsoletas de acusar de atentado aqueles que as deixam; elas não conseguirão obter de nós outro sentimento que não seja o de reconhecimento; porque, em todo caso, o mal que elas podem nos fazer não é nada, perto do bem que elas nos fizeram.

* * * *

Eis, pois, o excomungado da sinagoga de Amsterdã forçado a se criar num lar espiritual fora da casa que o rejeitou. Ele tinha as maiores simpatias pelo cristianismo, mas temia todas as amarras; ele não o abraçou. Descartes tinha renovado a filosofia com seu racionalismo firme e sóbrio; Descartes foi seu mestre; ele pegou os problemas aonde os havia conduzido este grande espírito: ele viu que a sua teologia, por temor à Sorbonne, permaneceu sempre um pouco árida. Oldenburg, perguntando-lhe um dia qual defeito ele encontrava na filosofia de Descartes e de Bacon, Spinoza responde que o principal era que eles não se ocuparam o suficiente da causa primeira. Talvez as suas lembranças da teologia judaica, esta antiga sabedoria dos hebreus, diante da qual ele se inclina freqüentemente, sugeriram-lhe em relação aos objetivos mais elevados, as mais ambiciosas aspirações. Não somente as idéias do vulgo, mas mesmo aquelas dos pensadores sobre a divindade, lhe pareceram insuficientes; ele viu bem que não poderia conceber no infinito uma parte limitada, que a divindade é tudo ou nada, que se o divino é alguma coisa, ele deve tudo envolver. Durante vinte anos, ele medita sobre estes problemas sem os afastar um momento de seu pensamento. O desgosto dos sistemas e das fórmulas abstratas não nos permite mais, hoje, aceitar de maneira absoluta as proposições nas

quais ele acreditou encerrar os segredos do infinito. O universo para Spinoza, assim como para Descartes, não era mais do que extensão e pensamento; a química e a fisiologia faltaram a essa grande escola, muito exclusivamente geométrica e mecânica. Alheio à idéia da vida e às noções sobre a constituição dos corpos que a química devia revelar, muito preso ainda às expressões escolásticas de substância e atributo, Spinoza não chega a esse infinito vivo e fecundo que a ciência da natureza e da história nos mostra presidindo, no espaço sem limites, a um desenvolvimento sempre mais e mais intenso; mas, afora alguma *secura* na expressão, que grandeza há nesta inflexível dedução geométrica, resultando na proposição suprema: *É da natureza da substância desenvolver-se necessariamente por uma infinidade de atributos infinitos, infinitamente modificados!* Deus é assim o pensamento absoluto, a consciência universal. O ideal existe, ele é mesmo, a verdadeira existência; o resto não é mais do que aparência e frivolidade. Os corpos e as almas são os puros modos, dos quais Deus é a substância; não há senão os modos que caem sob a duração; a substância está toda na eternidade. De forma que Deus não se prova, sua existência resulta de sua idéia somente; tudo o contém e o supõe. Deus é a condição de toda existência, de todo pensamento. Se Deus não existisse, o pensamento poderia conceber mais do que a natureza poderia fornecer, o que é contraditório.

Spinoza não viu claramente o progresso universal; o mundo como ele o concebia, parecia cristalizado de alguma maneira, numa matéria que é a extensão incorruptível, numa alma que é o pensamento imutável; o sentimento de Deus lhe retira o sentimento do homem; sem cessar em face do infinito, ele não percebe suficientemente o que se encerra de divino nas manifestações relativas; mas, ele viu melhor do que ninguém, a eterna identidade que serve de base a todas as evoluções passageiras. Tudo o que é limitado parece-lhe frívolo e indigno de ocupar um filósofo. Com um vôo ousado, ele atingiu os altos cumes cobertos de neve, sem ter um olhar para o rico desabrochamento de vida que se produz no flanco da montanha. A esta altura, na qual todo peito que não seja o seu torna-se ofegante, ele vive, ele desfruta; ele se satisfaz, como faz o comum dos homens nas quentes e úmidas regiões temperadas. O que ele necessita é do ar das geleiras, com sua aspereza forte e penetrante. Ele não pede mais que o sigam; ele é como Moisés, a quem é revelado, no alto da Montanha, os segredos desconhecidos do vulgo; mas, creiam-me Senhores, ele foi o Vidente do seu tempo; ele foi, em seu momento, aquele que viu mais profundamente Deus.

* * * *

Acredita-se que isolado sobre esses cumes nevados, ele era, nas coisas humanas, um espírito falso, um utópico, ou um cético desdenhoso? Ele não era nada disto, Senhores. A aplicação dos seus princípios às sociedades humanas preocupava-o sem cessar. O pessimismo de Hobbes e os sonhos de Tomas Morus lhe repugnavam igualmente. Uma metade ao menos do *Tratado Teológico-Político*, publicado em 1670, poderia ser reimpresso hoje, sem nada perder de sua proposta. Escutem este título admirável: *Tractatus theologico-politicus, continens dissertationes aliquot quibus ostenditur libertatem philosophandi non tantum salva pietate et reipublicae pace posse concedi sed eandem nisi cum pace reipublicae ipsaque pietate tolli non posse*^{NT}. Imaginava-se ainda, depois de séculos, que a sociedade repousa sobre dogmas metafísicos; Spinoza viu com profundidade que os dogmas supostos necessários à humanidade não poderiam escapar à discussão; que a revelação mesma, se há uma, atravessando, para chegar até nós, as faculdades do espírito humano, tampouco escapa, como o resto, à crítica. Eu queria poder citar-vos todo, inteiro,

^{NT} Tradução: *Tratado Teológico-Político*, contendo algumas dissertações em que se demonstra que a liberdade de filosofar, não só é compatível com a preservação da piedade e da paz, como, inclusivamente, não pode ser abolida sem se abolir ao mesmo tempo a paz do estado e a própria piedade.

este admirável Capítulo XX, no qual nosso grande publicista estabelece com uma superioridade magistral este dogma, novo a época, contestado ainda hoje, que se chama a liberdade de consciência: *O fim último do Estado, diz ele, não é dominar os homens, contê-los pelo temor, submetê-los à vontade alheia, mas, ao contrário, é permitir a cada um, tanto quanto possível, viver em segurança, isto é, de conservar intacto o direito natural que eles têm de viver sem prejuízo para si ou para o outro. Não, digo, o Estado não tem por fim transformar os homens de seres racionais em animais ou em autômatos; tem por fim fazer de maneira que os cidadãos desenvolvam em segurança seu corpo e seu espírito, fazendo uso da razão livremente. O fim do Estado é, pois, verdadeiramente, a liberdade (...) Qualquer um que queira respeitar os direitos do soberano, não deve jamais agir em oposição aos seus decretos; mas todos têm o direito de pensar o que quiser e de dizer o que pensa, desde que se limitem a falar e a ensinar em nome da pura razão, e que não intentem, por sua autoridade privada, introduzir inovações no Estado. Por exemplo, um cidadão demonstra que uma certa lei repugna à sã razão, e, ele pensa que ela deve ser por este motivo revogada; se ele submete o seu juízo ao julgamento do soberano, ao qual unicamente compete estabelecer e abolir as leis, e se durante esse tempo, ele não age em nada contra a lei, seguramente ele bem merece do Estado tanto quanto o melhor cidadão (...)*

(...) Admitamos que seja possível sufocar a liberdade dos homens e impor-lhes o jugo, a tal ponto que eles não ousem nem mesmo murmurar quaisquer palavras sem a aprovação do soberano; jamais, seguramente, nós os impediríamos de pensarem segundo sua livre vontade. Que se seguirá então, disto? Que os homens pensam de um modo e falam de outro, que, por conseguinte, a boa fé, virtude tão necessária ao Estado, se corrompa, que a adulação, tão detestável, e a perfídia tornar-se-ão honrosas, arrastando com elas a decadência de todos os bons e sãos hábitos (...) O que seria mais funesto para um Estado do que exilar como maus, honestos cidadãos, porque não têm as opiniões da multidão e ignoram a arte de fingir! O que seria mais fatal do que tratar como inimigos e enviar à morte os homens que não cometeram nenhum outro crime, além daquele de pensar com independência! Eis então o cadafalso, terror dos maus, tornando-se o glorioso teatro no qual a tolerância e a virtude brilham em toda a sua glória e cobrem publicamente de desonra a majestade soberana. Certamente não se poderia aprender deste espetáculo senão uma coisa, imitar esses nobres mártires, ou, se se teme a morte, tornar-se o covarde adulator do poder. Nada é então, tão perigoso como o relacionar e submeter ao direito divino, as coisas de pura especulação e impor leis às opiniões que são ou podem ser assunto de discussão entre os homens. Se o direito do Estado se limitasse a reprimir os atos, deixando impunes as palavras, as controvérsias não se transformariam em sedições tão freqüentemente.

Mais sábio que tantos pretensos homens práticos, nosso teórico via perfeitamente que não há governo mais durável do que os governos racionais, e que, só os governos temperados são governos racionais. Longe de absorver o indivíduo no Estado, ele produz para este sólidas garantias contra a onipotência do Estado. Não é um revolucionário, é um moderado; ele transforma, ele explica, mas não se destrói. Seu Deus não é daqueles que se comprazem com as cerimônias, com os sacrifícios, com o odor dos incensos; e, portanto, Spinoza não intenta de modo algum arruinar a religião; ele tem pelo cristianismo uma veneração profunda, um terno e sincero respeito. O sobrenatural não tem sentido na sua doutrina; segundo os seus princípios, algo que esteja fora da natureza, estará fora do ser, e, por conseguinte, não poderá ser concebido; os reveladores, os profetas foram homens como os outros: *Isto não é pensar, diz ele, é sonhar, crer que os profetas tiveram um corpo humano e não tiveram uma alma humana, e por conseguinte, sua ciência e as suas sensações foram de uma natureza diferente da nossa.* O profetismo não foi o apanágio de um só povo, do povo judeu. A qualidade de Filho de Deus não foi privilégio de um só homem. *(...) Para vos mostrar abertamente meu pensamento, eu digo que não é absolutamente necessário para a salvação conhecer Cristo segundo a carne; mas é inteiramente diferente, se falamos desse Filho de Deus, isto é, dessa eterna sabedoria de Deus que se manifesta em todas as coisas e principalmente na alma humana e, mais ainda do que em qualquer outro, em Jesus Cristo. Sem esta sabedoria, ninguém pode chegar ao estado de*

beatitude, visto que só ela nos ensina o que é o verdadeiro e o falso, o bem e o mal (...) Quanto ao que acrescentam certas Igrejas (...) eu expressamente adverti que eu não sabia o que eles queriam dizer, e, para falar francamente, eu confesso que elas me parecem ter a mesma linguagem que eu utilizaria se pretendesse dizer que um círculo revestiu a natureza de um quadrado. Dizia outra coisa Schleiermacher, e Spinoza, fundador, com Richard Simon, da exegese bíblica do Antigo Testamento, não é simultaneamente o precursor dos teólogos liberais que, em nossos dias, mostraram que o Cristianismo podia conservar todo o seu brilho sem o sobrenatural? Suas cartas a Oldenburg sobre a ressurreição de Jesus Cristo e sobre a maneira como São Paulo a entendia, são obras primas, que cento e cinquenta anos mais tarde teriam passado pelo manifesto de toda uma escola de teologia crítica.

Pouco importa, aos olhos de Spinoza, que se entendam os mistérios desta ou daquela maneira, desde que sejam entendidos em um sentido piedoso; a religião não tem senão uma meta – a piedade; o que lhe é necessário exigir, não é a metafísica, mas sim as direções práticas. No fundo, não há mais do que uma só coisa nas Escrituras, assim como na em toda revelação: *amai vosso próximo*. O fruto da religião é a beatitude; todos dela participam em uma medida proporcional à sua capacidade e aos seus esforços. As almas que a razão governa, as almas filosóficas que, desde este mundo vivem em Deus, estão ao abrigo da morte; o que a morte lhes tira não é coisa de nenhum preço; mas as almas fracas ou passionais perecem quase inteiramente, e a morte, ao invés de ser para elas um simples acidente, atinge-as até o fundo do seu ser... O ignorante que se deixa conduzir pela cega paixão, é impelido em mil sentidos diversos pelas causas exteriores, e não goza jamais da verdadeira paz da alma; para ele, cessar de sofrer é cessar de ser. Ao contrário, a alma do sábio pouco se abala. Possuindo, por uma espécie de necessidade eterna, a consciência de si mesma e de Deus e das coisas, jamais ela cessa de ser, e a verdadeira paz da alma, conserva-a sempre.

Ele não suportava que considerássemos a sua tentativa como irreligiosa ou subversiva. O tímido Oldenburg não lhe ocultava que algumas das suas opiniões pareciam a certos leitores tender ao oposto da piedade. *Tudo o que se concilia com a razão*, responde Spinoza, *eu o creio perfeitamente útil à prática da virtude*. A pretensa superioridade das concepções pesadamente positivas a respeito da religião e da vida futura encontrava-o intratável. *Isto significa rejeitar toda religião, eu lhe pergunto*, dizia, *reconhecer Deus como o soberano bem e pensar que a este título é necessário amá-lo com a alma livre. Sustentar que toda nossa felicidade, que a mais alta liberdade consiste neste amor, que o preço da virtude é a própria virtude, e que uma alma cega e impotente encontra o seu suplício na sua cegueira... é renegar por isso toda religião?* Por trás desses ataques, ele via sentimentos cheios de baixaza. Aquele que se irrita contra a religião desinteressada, confessava, segundo ele, que a razão e a virtude não tinham a seus olhos nenhum atrativo e que sua felicidade seria viver de acordo com suas paixões, se não fosse contido pelo temor. *Assim então*, acrescenta, *ele não se abstém do mal e só obedece ao divino mandamento a contragosto, como faria um escravo; e ao preço desta escravidão, ele espera de Deus recompensas que têm infinitamente mais valor a seus olhos do que o amor divino. Mais ele sente aversão e distância pelo bem, mais ele espera ser recompensado, e isto se afigura tal, que aqueles que não estão contidos pelo mesmo temor que ele, fazem o que ele faria, isto é, vivem sem lei!* Ele achava, com razão, que esta maneira de ganhar o céu, fazendo justamente o necessário para merecer o inferno, era o contrário da razão e que há alguma coisa de absurdo em pretender ganhar Deus, confessando-Lhe que, sem temê-Lo, não se poderia amá-Lo.

* * * *

Sentia os perigos de tocar em crenças nas quais poucas pessoas admitem estas sutis distinções. *Caute* era a sua divisa; seus amigos lhe tinham feito compreender a explosão que a *Ética* iria

produzir, ele conservou-a inédita até à morte. Ele não tinha nenhuma vaidade literária e não procurava a celebridade, talvez, na verdade, porque estava seguro de tê-la sem procurá-la. Era perfeitamente feliz; ele o disse, acreditemo-lo sob palavra. Ele fez melhor ainda; deixou-nos o seu segredo. Ouçam, ouçam, Senhores, a receita do *príncipe dos ateus*, para encontrar a felicidade. É o amor de Deus. Amar a Deus, é viver em Deus. A vida em Deus é a melhor e a mais perfeita, porque é a mais racional, a mais feliz, a mais plena,; em uma palavra: porque ela nos dá mais ser do que qualquer outra vida, e satisfaz mais completamente o desejo fundamental que constitui nossa essência.

Sua vida prática foi inteiramente regrada sobre essas máximas. Esta vida foi uma obra prima de bom senso e de juízo. Foi conduzida com essa profunda habilidade do sábio, que só quer uma coisa e termina sempre por obtê-la. Jamais um político combinou tão bem um fim com os meios para atingi-lo. Menos reservado, ele teria talvez tido a sorte do infeliz Uriel da Costa. Como amava a verdade por ela mesma, era indiferente às injúrias que lhe atraía sua constância em dizê-la; não respondeu jamais uma palavra aos ataques de que foi objeto. Não atacou jamais a ninguém. *É contrário aos meus hábitos*, dizia, *procurar descobrir os erros em que os outros incidiram*. Se tivesse querido ser uma personagem oficial, sua vida teria sido sem dúvida marcada pela perseguição ou, ao menos, pela desgraça. Ele não foi nada e não quis ser nada. *Ama nesciri* foi sua divisa, como a do autor da *Imitação*. Sacrificou tudo à tranqüilidade de seu pensamento, e não foi por egoísmo, porque este pensamento importava a todos. Recusou muitas vezes a riqueza que o procurava, e não desejava mais do que o necessário. O rei de França ofereceu-lhe uma pensão: ele agradeceu; o eleitor palatino lhe ofereceu uma cátedra em Heidelberg: *Vossa liberdade será inteira*, dizia-lhe, *porque o príncipe está convencido de que dela não abusareis para perturbar a religião estabelecida*. – *Eu não compreendo bem*, respondeu, *em que limites é preciso encerrar esta liberdade de filosofar que me querem dar de bom grado, sob a condição de não perturbar a religião estabelecida; e depois, o que eu desse à instrução da juventude me impediria a mim mesmo de avançar na filosofia. Só consegui obter uma vida tranqüila sob a condição de renunciar a toda a espécie de lições públicas*. Ele sentia que o seu dever era pensar: ele pensou, com efeito, para a humanidade, à qual ultrapassou em idéias, mais de cem anos.

Esta mesma habilidade instintiva, ele a portava em todas as relações da vida; sentia que a opinião não deixa passar em um homem, duas audácias ao mesmo tempo; sendo livre pensador, ele sentia-se como que obrigado a viver como um santo. Mas, eu digo mal: esta vida doce e pura, não era ela a expressão direta de sua consciência pacífica e amável? Afigura-se, então, o ateuista como um celerado, armado de punhais. Spinoza foi durante toda a sua vida, humilde, doce e piedoso; seus adversários tinham a ingenuidade de considerá-lo mau: eles teriam preferido que ele tivesse vivido conforme o tipo consagrado e que, levando a vida como um verdadeiro demônio encarnado, terminasse em desespero; Spinoza sorria desta pretensão singular, e recusava, para agradar seus inimigos, a mudar seu gênero de vida.

Ele teve excelentes amigos, foi corajoso quando necessitou ser, protestou contra os furores populares, quando estes lhe pareceram injustos. As muitas desilusões não lhe impediram de ficar fiel ao partido republicano; o liberalismo de suas opiniões não esteve jamais à mercê dos acontecimentos. O que lhe dá mais honra, talvez, é que teve a estima e a afeição sincera dos seres simples, que viveram em torno dele. Nada se compara à estima dos pequenos, Senhores; seu julgamento é quase sempre o de Deus. Para os bons Van der Spyk, ele foi, evidentemente, o ideal do perfeito locatário. *Não houve jamais ninguém menos importuno*, disseram eles, alguns anos após a sua morte, a Colerus. *Quando estava em casa, não incomodava ninguém; ele passava a maior parte do seu tempo tranqüilamente em seu quarto. Quando lhe acontecia encontrar-se fatigado por ter se envolvido demais em suas meditações, ele descia e falava aos da casa de tudo o que podia servir de assunto a um*

entretenimento comum, até mesmo de frivolidades. Não se viu jamais, com efeito, vizinho mais afável. Ele conversava freqüentemente com a sua hospedeira, particularmente nos períodos de seus partos, e com os da casa, quando lhes sobrevinha alguma aflição ou doença. Advertia as crianças a irem ao ofício divino, e quando voltavam do sermão, lhes perguntava o que haviam dele retido. Apoiava, quase sempre abertamente, o que o pregador havia dito. Uma das pessoas que ele mais estimava era o pastor Cordes, homem excelente e que explicava bem a Escritura; ele ia algumas vezes ouvi-lo e aconselhava seu hospedeiro a jamais faltar à pregação de tão hábil homem. Sua hospedeira lhe perguntou um dia se ela podia ser salva na religião que professava: *Vossa religião é boa,* respondeu; *vós não deveis procurar outra, nem duvidar de que nela conseguireis a vossa salvação, sempre que, apegando-vos à piedade, também leveis uma vida pacífica e tranqüila.*

Ele era admiravelmente sóbrio e bem organizado. Suas necessidades cotidianas eram satisfeitas por uma profissão manual, a de polir vidros de lunetas, na qual se tornou muito hábil. Os Van der Spyk entregaram a Colerus os pequenos papéis nos quais anotava as suas despesas; elas chegavam em média a quatro soldos e meio por dia. Ele tinha muito cuidado em ajustar as suas contas trimestralmente, afim de não gastar nem mais nem menos do que tinha. Seu vestuário era simples, quase pobre; mas sua pessoa respirava uma serenidade tranqüila. Estava claro que tinha encontrado a doutrina que lhe dava o perfeito contentamento.

Ele não estava jamais triste ou alegre, e a igualdade do seu humor parecia maravilhosa. Ele teve talvez um pouco de tristeza no dia em que a filha do seu professor Van den Enden o preteriu por Kerkring; mas eu imagino que ele logo se consolou. *A razão é meu prazer,* dizia ele, *e o fim a que aspiro nesta vida é a alegria e a serenidade.* Não queria que se fizesse o elogio da tristeza: *É a superstição,* dizia, *que erige em bem a tristeza e em mal tudo o que procura a alegria. Deus seria um invejoso se Ele se regozijasse da minha impotência e do mal que sofre. A medida, com efeito, que nós experimentamos uma alegria maior, nós passamos a uma perfeição maior, e nós participamos mais da natureza divina... A alegria não pode, então, jamais ser má enquanto é regulada pela lei da nossa utilidade verdadeira. A vida virtuosa não é uma vida triste e sombria, uma vida de privações e de austeridade. Como a divindade teria prazer no espetáculo da minha fraqueza, imputando-me lágrimas, suspiros, terrores, sinais de uma alma impotente. Sim, acrescentava ele com veemência: é próprio do homem sábio usar das coisas da vida e delas se deleitar tanto quanto possível, restaurar-se por uma nutrição moderada e agradável, encantar seus sentidos com o perfume e o brilho verdejante das plantas, ornamentar mesmo o seu vestuário, deleitar-se com os prazeres da música, dos olhos, dos espetáculos e de todos os divertimentos a que todos podem se entregar sem prejuízo de ninguém.* Fala-se incessantemente do arrependimento, da humildade, da morte; mas o arrependimento não é por si uma virtude, ele é a conseqüência de uma fraqueza; a humildade não o é menos, pois nasce para o homem da idéia da sua inferioridade. Quanto ao pensamento da morte, é filho do medo, e é nas almas fracas que ele escolhe o seu domicílio. *A coisa do mundo,* dizia, *na qual o homem livre pensa menos, é na morte. A sabedoria é uma meditação, não da morte, mas da vida.*

* * * *

Desde os dias de Epíteto e de Marco Aurélio não se tinha visto vida tão profundamente embebida pelo sentimento do divino. Nos séculos XII, XIII e XIV, a filosofia racionalista contou com muitos grandes homens; ela não teve santos. Freqüentemente, alguma coisa de repulsivo e de duro se havia misturado aos mais belos espíritos do livre pensamento italiano. A religião esteve inteiramente ausente dessas vidas revoltadas, não menos contra as leis humanas do que contra as leis divinas, e cujo último exemplo foi o do pobre Vanini. Aqui, é a religião que produz o livre pensamento como uma parte da piedade. A religião, num tal sistema, não é uma parte da vida, ela é a própria vida mesma. O que importa, não é estar na posse de alguma frase metafísica mais ou menos correta, é dar à sua vida um rumo certo, uma direção suprema, o ideal.

Por aí vosso ilustre compatriota, Senhores, desfraldou uma bandeira susceptível, hoje ainda, de abrigar tudo quanto se pensa e tudo o que se sente com nobreza. Sim, a religião é eterna; ela responde à primeira necessidade do homem primitivo tanto quanto à do homem culto; ela não pereceria senão com a própria humanidade, ou, melhor, o seu desaparecimento seria a prova de que a humanidade, degenerada, se prepara para retornar à animalidade de onde saiu. E todavia, nenhum dogma, nenhum culto, nenhuma fórmula poderia, em nossos dias, esgotar o sentimento religioso. É necessário manter em presença de uma a outra, essas duas asserções em aparência contraditórias. Infeliz àquele que pretende que o tempo das religiões passou ! Desgraça a quem imagine que se possa conseguir dar aos velhos símbolos a força que tinham quando se apoiavam sobre o imperturbável dogmatismo de outrora ! Esse dogmatismo, é preciso superá-lo; É preciso que superemos essas crenças estagnadas, fontes de tantas lutas e de tantas dissensões, mas também, princípios de convicções tão ardentes; é preciso renunciar à crença de que depende de nós manter os outros nas crenças que não compartilhamos mais. Spinoza tinha razão de sentir horror à hipocrisia; a hipocrisia é desprezível e desonesta; mas, sobretudo, a hipocrisia é inútil. Na verdade, a quem enganamos aqui ? A persistência das classes superiores em patrocinar sem reservas, aos olhos das classes incultas, as formas religiosas de outrora, não terá senão um efeito, o de arruinar a sua autoridade para os dias de crise, nos quais importa que o povo creia ainda na razão e na virtude de alguns.

Honra, então a Spinoza que ousou dizer: a razão acima de tudo; a razão não poderia ser contrária aos interesses da humanidade bem entendidos. Mas, àqueles que se deixam arrebatados às impaciências irrefletidas, lembremos que Spinoza não concebeu jamais a revolução religiosa senão como uma transformação de fórmulas. O fundo para ele subsistia em outros termos. Se, por um lado, repeliu energicamente o poder teocrático de um clero concebido como distinto da sociedade civil e a tendência do Estado em ocupar-se da metafísica, jamais, por outro lado, negou, nem o Estado nem a Religião. Queria o Estado tolerante e a Religião livre. Nós, não os queremos menos. Não se poderia impor aos outros crenças que não se tem. Que os crentes de outrora se fizessem perseguidores, sendo nisso tirânicos, eles ao menos eram conseqüentes; nós outros, fazendo como eles, seríamos simplesmente absurdos. Nossa religião é um sentimento susceptível de revestir formas numerosas. Essas formas estão longe de se valerem umas pelas outras; mas nenhuma tem a força nem a autoridade de banir as outras. Liberdade, eis a última palavra da política religiosa de Spinoza. Que seja a última palavra da nossa ! É o partido mais honesto, é talvez, ao mesmo tempo, o mais eficaz e o mais seguro para o progresso da civilização.

A humanidade, com efeito, avança na via do progresso com um passo prodigiosamente irregular. O rude e violento Esaú se impacienta das lerdas que ocasionam os pequenos passos do rebanho de Jacob. Deixemos o tempo para todos. Não permitamos, seguramente, que a ingenuidade e a ignorância constriam os livres movimentos do espírito; mas não perturbemos mais a lenta evolução das consciências mais lerdas. A liberdade do absurdo para uns é a condição da liberdade da razão para outros. Os serviços prestados ao espírito humano pela violência, não são serviços. Que aqueles que não levam a sério a verdade pratiquem a coação, para obter a submissão exterior, nada mais simples. Mas nós, que cremos que a verdade é alguma coisa de real e de soberanamente respeitável, como pensaríamos em obter pela força uma adesão que não tem preço senão quando ela é o fruto de uma convicção livre. Não admitamos mais as fórmulas sacramentais, operando por sua própria força, independentemente da inteligência daquele a quem se faz aplicação. Para nós uma crença não tem valor senão quando é conquistada pela reflexão do indivíduo, quando é por ele compreendida, quando ele a assimilou. Uma convicção introduzida por ordem superior, é um

tão perfeito disparate como um amor obtido à força ou uma simpatia imposta. Prometamos a nós mesmos, Senhores, que defenderemos sempre nossa liberdade contra aqueles que quiserem atingi-la, mas também que, em caso de necessidade, defenderemos a liberdade daqueles que nem sempre respeitaram a nossa, e que, provavelmente, se fossem os mestres, não a respeitariam.

Foi a Holanda, Senhores, que teve a glória, há mais de duzentos anos, de demonstrar a possibilidade dessas teorias, realizando-as. *É necessário provar, diz Spinoza, que esta liberdade de pensamento não ocasiona nenhum inconveniente grave e que é suficiente para conter homens abertamente divididos de sentimentos num respeito recíproco de seus direitos? Os exemplos abundam, e não é preciso ir muito longe para os encontrar; temos a cidade de Amsterdã, cujo crescimento considerável, objeto de admiração das outras nações, não é senão fruto dessa liberdade. No seio desta florescente república, desta cidade eminente, todos os homens de qualquer nação e de qualquer seita vivem entre si na mais perfeita concórdia..., e não há seita tão odiosa, cujos adeptos, desde que não firam o direito de ninguém, não encontrem publicamente auxílio e proteção diante dos magistrados.* Descartes era da mesma opinião quando vinha pedir ao vosso país a calma necessária ao seu pensamento. Depois, graças a este nobre privilégio de terra livre que vossos pais gloriosamente mantiveram contra todos, vossa Holanda tornou-se o asilo onde o espírito humano, ao abrigo de todas as tiranias que cobriram a Europa, encontrou ar para respirar, público para compreendê-lo, órgãos para multiplicar sua voz, alhures amordaçada.

Grandes, seguramente, são as feridas do nosso século, e cruéis são as suas perplexidades. Não é jamais impunemente que tantos problemas são levantados ao mesmo tempo, antes que se possuam os elementos para os resolver. Não fomos nós que quebramos esse paraíso de cristal, de argênteos e azulejados reflexos, que encantaram e consolaram tantos olhares. Mas ele está em pedaços; e o que está quebrado, quebrado está, e jamais um espírito sério empreenderá a tarefa pueril de restabelecer a ignorância destruída ou de restaurar a ilusão perdida. O povo das grandes cidades perdeu quase por toda parte, a fé no sobrenatural; por mais que fizéssemos, mesmo com o sacrifício de nossas convicções e da nossa sinceridade, não o conseguiríamos. Mas o sobrenatural particular, entendido à maneira de outrora, não é o ideal. A causa do sobrenatural está comprometida. A causa do ideal não foi atingida; ela não o será jamais. O ideal continua sendo a alma do mundo, o Deus permanente, a causa primordial, efetiva e final deste universo. Eis a base da religião eterna. Não mais que Spinoza, para adorar a Deus, não temos necessidade de milagres nem de preces interessadas. Enquanto houver uma fibra no coração humano para vibrar ao som de tudo que é verdadeiro, justo e honesto; enquanto a alma instintivamente pura preferir o pudor à vida, haverá amigos do verdadeiro para sacrificar seu repouso à ciência, amigos do bem para se devotarem às obras úteis e santas da misericórdia, corações de mulheres para amar o que é bom, belo e puro, artistas para expressá-lo pelos sons, cores, acentos inspirados, Deus viverá em nós, Senhores. Será somente no dia em que o egoísmo, a baixeza do coração, a estreiteza do espírito, a indiferença à ciência, o desprezo pelos direitos do homem, o esquecimento do que é grande e nobre invadirem o mundo, nesse dia, então, é que Deus não mais estaria na humanidade. Mas, longe de nós tais pensamentos. Nossas aspirações, nossos sofrimentos, nossas faltas e mesmo nossas temeridades são a prova de que o ideal vive em nós. Sim, a vida humana é ainda alguma coisa de divino! Nossas negações aparentes não são, freqüentemente, senão o escrúpulo de espíritos hesitantes que temem ultrapassar o que sabem. Eles prestam assim uma melhor homenagem à Divindade do que a adoração hipócrita do espírito rotineiro. Deus está ainda em nós, Senhores, Deus está em nós! *Est Deus in nobis!*

* * * *

Inclinemo-nos todos juntos, Senhores, diante do grande e ilustre pensador que, há duzentos anos, provou, melhor que ninguém, pelo exemplo de sua vida e pela potência, nova ainda hoje, de suas obras, o que há, em tais pensamentos, de alegria espiritual e de união santa. Façamos, com Schleiermacher, a homenagem do que sabemos produzir de mais interessante aos manes do santo e desconhecido Spinoza. *O sublime espírito do mundo a penetra; o infinito foi o seu começo e o seu fim, o universal seu único e eterno amor; vivendo numa santa inocência e numa humildade profunda, ele se mirou no mundo eterno e viu que ele próprio, era para o mundo um espelho digno de amor; ele foi pleno de religião e pleno de Espírito Santo; por isso surge-nos solitário e sem igual, mestre em sua arte, mas elevado acima do profano, sem discípulos e sem direito de burguesia em nenhuma parte.*

Este direito de burguesia, vós ides lhe dar agora, Senhores. O vosso monumento será o ponto de ligação do seu gênio com a terra. Sua alma pairará como um bom gênio tutelar sobre os lugares por onde se cumpriu a sua rápida viagem entre os homens. Infelicidade, a quem, passando, injuriar esta figura doce e pensativa ! Seria punido como todos os corações vulgares por sua vulgaridade mesma e pela sua impotência em compreender o divino. Ele, do seu pedestal de granito, ensinará a todos a via da felicidade que encontrou, e, pelos séculos, o homem culto que passar pelo Pavilioensgracht dirá a si mesmo: *É daqui, talvez, que Deus foi visto de mais perto.*

Que a lembrança desta festa nos fique, a todos, como uma consolação e um caro entretenimento.

Ernest Renan